21-07-2025

Texto duro

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Hoje o texto não será alegre. Não será também um texto sobre memórias, sobre afeto, nem sobre amor ou amizades. Não farei firulas, não pouparei os parágrafos da responsabilidade com a crítica, tampouco deixarei de usar palavras, ideias e sentidos que busquem fazer sentido para quem se propuser a encarar esta empreitada. Quero apenas lançar ideias e reflexões sob a forma de breve análise de conjuntura ao modo gramsciano. Pois vamos nessa! O Bloco Histórico atual tem mostrado sua cara. Todavia, só o enxerga quem realmente consegue tirar a venda dos olhos. Quem tem um tempo para pensar sobre o andamento das coisas. Vamos às análises a partir de alguns exemplos: no Brasil, ser trabalhador está fora de moda; ser religioso significa propagar o ódio, ao ponto de se desejar a morte dos outros, talvez propor o uso de armas de fogo para resolver divergências e discordâncias; ser político é coisa de todo mundo (via redes sociais), ao mesmo tempo que é coisa de poucos (dos políticos profissionais); os grandes analistas (jornalistas, blogueiros, *podcasters*, *youtubers* e afins, e seus especialistas convidados) criam mundos paralelos, realidades inventivamente forjadas, com base em explicações pseudocientíficas, que ao fim e ao cabo, nada explicam de verdade; produz-se mais no campo, a indústria voltou a crescer, a economia vai bem, o mercado financeiro está aquecido, mas o jornalismo branco deixa evidente seu papel no que Gramsci chama de guerra de posição.

Os embates do que se convenciona chamar de guerra de ricos x pobres são esclarecedores da quase esquizofrenia que se vive em nossos tempos. E que fique claro. O uso do advérbio "quase" é apenas recurso eufemístico. Estes embates, que parecem ter surgido ontem neste país, mas que a história mostra o contrário, precisam ser melhor analisados.

A guerra ricos x pobres, tão propagada via redes sociais e reverberada pela mídia em geral, já estava presente nas primeiras caravelas vindas de Portugal, que exploravam pessoas em situação paupérrima nas longas viagens financiadas pelos interesses da nobreza europeia. Essa guerra seguiu o percurso da história da colonização com a exploração dos povos nativos, com a escravização de povos africanos, com a criação de sistemas de poder que se sustentaram por séculos pelo controle da terra, política de compadrio, coronelismo, nepotismo e dominação de classe.

Essa guerra, meus caros amigos leitores, pariu o Brasil. Por aqui sempre prevaleceu o controle das ações por uma pequena parcela da população. Talvez por isso, a metáfora da guerra nem seja tão apropriada.

Se pensarmos que para haver guerra, é necessário o confronto real de dois grupos de pessoas (povo, nação ou Estado), talvez o que ocorra por aqui não se enquadre no conceito. Em guerras, o enfrentamento é explícito. Há códigos de conduta e posturas esperadas ou aceitáveis. Na guerra você sabe claramente quem é seu inimigo e quando se defender. Dá para saber, inclusive, a melhor hora para o uso extremo da força, pois nessas situações é matar ou morrer. Além disso, quem vive e quem morre diz sobre quem vence cada batalha e quem restará vitorioso ao final da campanha. Mas convenhamos, não é essa a situação atual. Tal como nunca fora assim por aqui. Excetuando-se os conflitos isolados, as revoltas e rebeliões, sempre de grupos restritos e com pautas específicas (separação ou independência de um povo ou território), sempre reprimidos ou dissuadidos em favor do sistema de poder vigente, o que se viu por aqui foi mais a dominação típica de um povo que nasceu já derrotado. Esse discurso do "nós" contra "eles" bem que poderia pegar mesmo. Assim a população menos esclarecida começaria a comprar algumas brigas. Nos últimos tempos o que temos visto é exatamente o contrário. Celetista ou trabalhador virou xingamento entre os jovens.

A moda é ser empreendedor, PJ [Pessoa Jurídica], patrão de si mesmo. Ao passo que a exploração segue a todo vapor. Leis foram alteradas para aumentar o tempo de contribuição (Reforma da Previdência), para reduzir direitos trabalhistas (Reforma Trabalhista) ou para fragilizar o sindicalismo. Tudo isso enquanto a classe dominante e seus intelectuais orgânicos seguem mexendo suas peças no tabuleiro, reforçando seu domínio e inviabilizando a transformação do atual estado de coisas, por meio do que Gramsci chama de Guerra de Posição. Não é à toa haver cartilha do agro tomando conta das escolas. Não é coincidência a presença cada vez mais marcante do discurso religioso, da moral cristã nestes espaços. Tudo se encaixa perfeitamente na relação estrutura e superestrutura que visa manter o poder nas mãos do mesmo grupo.

É exatamente por isso que a mídia faz terrorismo quanto aos rumos da economia nacional, sempre atacando o atual governo, enquanto alguns líderes políticos de direita e extrema-direita seguem com discursos nacionalistas enquanto se contentam com a submissão ao governo estadunidense. É neste cenário que o presidente da câmara dos deputados roeu a corda e deixou cair a cortina que encobria sua defesa dos interesses da elite brasileira. Os memes gerados por inteligência artificial expondo as ações do congresso, sob a liderança de Hugo Mota (agora também conhecido como "Hugo não se importa"), incomodaram tanto que o JN [Jornal Nacional], ícone do jornalismo branco, chapado, fechado com os sistemas de poder, teve que intervir. Foram quase sete minutos de defesa aberta do congresso que, por sua vez, defendia os ricos. Não pegou bem e o conteúdo "tão bem intencionadamente elaborado" sumiu da grade de notícias da rede globo de televisão. E é por isso que estamos aqui.

Essa é a motivação deste texto duro. Seco. Se não há guerra, pois o que se percebe é a busca por manutenção da exploração, precisamos deixar claro que o enfrentamento é uma necessidade. Se mais pessoas entenderem que de fato se faz necessário um "nós" contra "eles", talvez consigamos superar a situação atual do "eles" sobre "nós". Pois se o "Hugo não se importa", passe a se importar você mesmo. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.